


os torna invencíveis. Não morreram em vão os que morreram por esse ideal de um "pensamento livre como o ar"...

Todos os que desapareceram nessa luta, como todos os que hoje nella se batem, constituem a grande communhão universitaria que celebramos nesta inauguração solemne dos nossos cursos.

Dedicada á cultura e á liberdade, a Universidade do Districto Federal, nasce sob um signo sagrado, que a fará trabalhar e lutar por um Brasil de amanhã, fiel ás grandes tradições liberaes e humanas do Brasil de hontem.

A FUNCCÃO DAS UNIVERSIDADES

DISCURSO PRONUNCIADO PELO REITOR INTERINO DA UNIVERSIDADE DO DISTRICTO FEDERAL, SNR. ANISIO S. TEIXEIRA, POR OCCASIÃO DA INAUGURAÇÃO SOLEMNE DOS CURSOS.



Por mais limitado que seja o âmbito de vida de qualquer povo, lá iremos encontrar, em germen, — por vezes, obscuras e indiscriminadas, — quatro grandes instituições fundamentais, que lhe constroem e condicionam a vida em commum : a familia, o estado, a igreja e a escola.

Desde que haja vida em commum, e vida em commum de homens, essas instituições, sob alguma forma, hão de apparecer. E apparecem para manter, nutrir, ordenar e illuminar a vida em commum. Existir em sociedade envolve, com effeito, immensas complexidades. Cada individuo nada mais sendo do que uma urdidura de laços sociaes, toda a sua vida transcorre em um plano superior ao de sua propria vida physica e os seus meios de expressão não podem ser outros que os das instituições de sua sociedade.

Dentre essas instituições avultam as que mais largamente lhe compõem o quadro da existencia collectiva. A familia que vela pelo seu desenvolvimento inicial e o conduz a se tornar, por sua vez, um perpetuador de sua especie; o estado que lhe defende e regula a vida em grupo; a igreja que lhe dá o sentido profundo do seu devotamento social; e a escola que o humaniza e socializa.

Todas essas funcções se confundem e se misturam, em cada uma dessas instituições, de tal modo que a historia de qualquer dellas é, de algum modo, a historia da humanidade.

A' medida que marcha a civilização, melhor se caracterizam, entretanto, essas instituições e, um equilibrio, sem hierarchia, se vae estabelecendo entre as suas funcções.

Si todas visam, com effeito, tornar possível e rica a vida entre os homens, nem por isso são menos distinctos e independentes os meios de que dispõem para esse mesmo fim commum e unico.

Nesse sentido vamos lentamente emergindo da confusão inicial em que todas as instituições soffriam a supremacia de uma unica,

fosse a familia, a igreja ou o estado, para uma separação de poderes que é essencial á acção correcta e adequada de cada uma dellas.

Predominio estreito da familia, prepotencia temporal da igreja, dictadura espiritual do estado, esses foram, com effeito, os estagios que temos atravessado, e em que se corrompeu a pureza funcional de cada uma dessas instituições pelo uso de meios que pertenciam organicamente ao desempenho de funcções, qualitativamente diversas, das demais instituições.

A independencia e separação entre ellas não é, assim, contingencia politica, mas o proprio imperativo experimental para o seu bom funcionamento.

De todas ellas, a escola é a que mais recentemente se vem emancipando, não sendo quasi possível exemplificar, na historia, já não digo periodo de sua predominancia, mas de sua legitima e total independencia.

Confundida a sua funcção com a familia, com a igreja e com o estado, é, ainda hoje, com esses tres senhores, que ella discute a sua

autonomia... Ou melhor, são ainda esses tres senhores que discutem, entre si, sobre a sua tutela.

Nem por isso, entretanto, a evolução inevitavel das instituições deixa de se processar. Nessa designação generica de escola, ha muita cousa que distinguir. Da simples cerimonia de iniciação por que ella se caracterizava nos povos primitivos, directamente subordinada á sociedade, em sua funcção global de matriz do individuo, até a complexidade dos systemas escolares modernos, ha uma longa estrada percorrida, em que se podem perder de vista muitos dos objectivos fundamentaes da escola, na sua funcção característica, de mantenedora dos valores humanos e de instrumento para o seu desenvolvimento.

E' em uma das formas que assumiu, nos tempos modernos, tal instituição que vamos encontrar a natureza legitima e integral de sua funcção historica. Essa forma é a da Universidade.

Data realmente das Universidades a distincção profunda das funcções da escola em relação ás demais funcções da sociedade. Até

esse remoto undécimo seculo de nossa época, o interesse pelo estudo, pela cultura e pela intelligencia, se confundia dentro das instituições existentes, sobretudo da Igreja, não sendo a conservação e o desenvolvimento do saber humano objecto de nenhuma instituição especializada e autonoma.

As origens das Universidades, embora diversas nas suas circumstancias concretas, em cada região da Europa, encontram a sua causa fundamental na estabilização das correntes migratorias e na possibilidade que dahi decorreu para o desenvolvimento da civilização europea. De certo modo, pois, as Universidades annunciam o florescer da civilização occidental.

Chegada a vida humana ao estagio de desenvolvimento em que se encontrava no seculo decimo e undecimo de nossa época, começa a se discriminar, com as Universidades, a funcção da escola, no seu character de órgão supremo da direcção intellectual da humanidade.

O typo de organização social dessa época iria favorecer de algum modo, a autonomia da nova instituição. A Idade Media, com ef-

feito, por intermedio do feudalismo, das corporações e da igreja controlava e governava, integralmente, a vida individual. Todas as franquias, direitos e privilegios eram distribuidos e assegurados por essas instituições a que se incorporavam todos os individuos.

O apparecimento das universidades significava o apparecimento de uma instituição que retirava da Igreja e do Estado, funcções anteriormente exercidas por esses dois poderes. De quem receberia essa instituição o direito de existir e funcionar? Em sociedade menos rigida que a da Idade Media, medrariam por si e de si mesmas, sujeitas a todas as eventualidades. Naquella sociedade, entretanto, a disciplina que as regulou foi uma condição para o exercicio vigoroso de sua funcção. A carta ou estatuto de direitos e privilegios, concedidos ás noveis instituições pelos monarchas ou pelo Papa, foi o primeiro reconhecimento da autonomia essencial que vieram desenvolvendo, dahi por deante, as universidades, até que se puzeram em pé de igualdade com as grandes instituições fundamentaes da humanidade: a familia, a igreja e o estado.

A Universidade, é, pois, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensaveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aquelles que não as têm, tambem não têm existencia autonoma, vivendo, tão sómente, como um reflexo dos demais.

Com effeito, a historia de todos os paizes que floresceram e se desenvolveram é a historia da sua cultura e a historia da sua cultura é, hoje, a historia das suas universidades. Sempre a humanidade viveu utilizando a experiencia do passado, mas essa experiencia attingiu, nos tempos modernos, a tamanha complexidade intellectual, que sem a existencia das universidades grande parte della se teria perdido e outra grande parte nem chegaria a ser formulada.

Dir-me-eis que a imprensa e o livro as salvariam, dispensando as difficuldades e dispendios dessas complexas organizações universitarias que a muitos, entre nós, chegam a parecer luxuosas e superfluas.

De facto, parece que assim devia ser. Com a invenção da imprensa, praticamente deveria desaparecer a Universidade.

Occorre-me, até, que essa deve ser a razão philosophica e profunda, porque é corrente entre nós a idéa, verdadeiramente formidável, de que a cultura de um povo deriva de lhe ensinarmos a ler. As esperanças exaggeradas postas na alphabetização apressada dos brasileiros devem estar ahí. Porque universidade, porque ensino superior, si existem livros e si os livros contêm toda a cultura humana?

Já reparastes, entretanto, que a nenhum povo da historia ocorreu esse ovo de Colombo? Já notastes que, muito pelo contrario, a imprensa e o livro condicionaram o surto das universidades?

Não. A função da Universidade é uma função unica e exclusiva. Não se trata sómente de diffundir conhecimentos. O livro, tambem os diffunde. Não se trata, sómente, de conservar a experiencia humana. O livro tambem a conserva. Não se trata, sómente, de preparar praticos ou profissionaes, de officios ou de artes. A aprendizagem directa os prepara, ou, em ultimo caso, escolas muito mais singelas do que universidades.

Trata-se de manter uma atmospherá de saber pelo saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das praticas não intellectualizadas. Trata-se de formular intellectualmente a experiencia humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva.

Trata-se de diffundir a cultura humana, mas de fazel-o com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atracção e o impeto do presente.

O saber não é um objecto que se recebe das gerações que se foram, para a nossa geração, o saber é uma attitude de espirito que se forma lentamente ao contacto dos que sabem.

A Universidade é, em essencia, a reunião entre os que sabem e os que desejam aprender. Ha toda uma iniciação a se fazer. E essa iniciação, como todas as iniciações, se faz em uma atmospherá que cultive, sobretudo, a imaginação... Cultivar a imaginação é cultivar a capacidade de dar sentido e significado ás cousas. A vida humana não é o transcorrer

monótono de sua rotina quotidiana, a vida humana é, sobretudo, a sublime inquietação de conhecer e de fazer. E' essa inquietação de compreender e de applicar, que encontrou afinal a sua casa. A casa onde se acolhe toda a nossa sêde de saber e toda a nossa sêde de melhorar, é a Universidade.

Tanto mais ficamos capazes de compreender — pelos processos scientificos modernos — tanto mais ficamos capazes de applicar, sob forma nova, o que compreendemos — pelos meios industriaes modernos — tanto mais precisamos e tanto mais sentimos a Universidade, a instituição que véla para que a curiosidade humana não se extinga, mas se cultive, se alimente e continue a fazer marchar a vida.

São as Universidades que fazem, hoje, com effeito, a vida marchar. Nada as substitue. Nada as dispensa. Nenhum outra instituição é tão assombrosamente util.

* * *

Perdoai-me, senhores, essa longa exposição que se tornou necessaria para chegarmos

ao limiar da nossa joven Universidade, a Universidade do Districto Federal, cujos cursos hoje se inauguram. Em paiz, como o Brasil, extenso como um continente, a que aportou ha 435 annos a civilização occidental, a civilização feita pelas Universidades, deveria ter parecido a muitos, uma extravagancia mais uma universidade. Deveria ser uma extravagancia, tantas já deveriamos ter. A pequena Europa possuia no seculo XIII, dezenove dessas instituições. No seculo XIV, quarenta e quatro. No seculo XV, setenta e quatro.

Quasi cinco seculos depois, possuímos seis universidades, das quaes apenas uma tem, além de objectivos praticos e profissionaes, objectivos de cultura desinteressada e de preparação para a carreira intellectual.

Pois neste nosso paiz, que não é, positivamente, a patria das universidades, começamos a nos organizar, com rumores em volta de nós de que somos de mais, de que nos sobram instituições de cultura superior e nos faltam escolas primarias.

Ninguem até hoje mais profundamente sentiu a necessidade de educação popular pri-

maria do que Jefferson, que declarou, certa vez, em 1823, que se tivesse que escolher entre o ensino primario e a Universidade mais facilmente fecharia esta do que aquelle, de tal modo lhe parecia importante para o seu paiz a diffusão entre a massa, dos conhecimentos essenciaes. Raros homens de estado, entretanto, podem se orgulhar, como Jefferson, de terem deixado de sua vida um monumento tão imperecível como a Universidade de Virginia, carinhosamente fundada, organizada e constituída pelo grande espirito da democracia no novo Continente.

E o fez em periodo em que o ensino primario em seu paiz apenas se iniciava, não estando sequer fundada a primeira escola normal de professores primarios.

Nesta propria America do Norte, as grandes e famosas Universidades datam de muitas dezenas e, por vezes, centenas de annos antes de se pensar em um systema de educação publica para todos.

E' que nenhum paiz do mundo, até hoje, julgou possível construir uma cultura de baixo para cima, dos pés para a cabeça. Para haver

ensino primario, é necessario que exista antes o secundario e para que o secundario funcione, é preciso que existam Universidades.

Entre nós, predominou, entretanto, em cultura o mais espantoso *praticismo* que já alguma vez assolou uma nação. Em ensino primario, basta-nos alphabetização, e acima delle, bastar-nos-ia, todos o repetem, ensino de officios e artes. Que estranho paiz seria esse em que a cultura e a sciencia ainda não chegaram a ser acceitas e, por toda a parte, se pede tão singular e universal formação utilitarista, no sentido limitado e estreito da palavra?

Esse paiz é o paiz dos diplomas universitarios honorificos, é o paiz que deu ás suas escolas uma organização tão fechada e tão limitada, que substituiu a cultura por duas ou tres profissões praticas, é o paiz em que a educação, por isso mesmo, se transformou em titulo para ganhar um emprego.

Haverá, por acaso, demasiado ensino superior, no Brasil? Não. O que ha são demasiadas escolas de certo typo profissional, distribuindo annualmente diplomas em numero

muito maior que o necessario e o possivel, no momento, de se consumir.

Entre essas escolas e as escolas de que precisa o paiz para formar o seu quadro de intellectuaes, de servidores da intelligencia e da cultura, de professores, escriptores, jornalistas, artistas e politicos, ha todo um mundo a transpôr.

E qual a Universidade que abre, hoje, aqui as suas portas? E', por acaso, mais uma universidade para o preparo puro e simples de profissionaes, de medicos, de bachareis, de dentistas e de engenheiros civis?

Não. E' uma Universidade cujas escolas visam o preparo do quadro intellectual do paiz, que até hoje se tem formado ao sabor do mais abandonado e mais precario auto-didactismo. Uma escola de educação, uma escola de sciencias, uma escola de philosophia e letras, uma escola de economia e direito, e um instituto de artes, com os objectivos desinteressados de cultura não podem ser demais no paiz, como não podem ser demais na metropole desse paiz.

A critica não tinha como ser mais infeliz. Não podia morrer, entretanto, a malevolencia dos que se obstinam em não deixar o paiz progredir para que possam continuar a viver á custa delle, na sua meia ignorancia. Já agora, a Universidade do Districto Federal podia ser util e até necessaria, mas devia fechar-se porque desobedecia os padrões de uma lei federal do periodo discrecional, tacitamente derogada pela Constituição Federal.

Representantes directos da autonomia local, se transformaram, subitamente, em vestaes de um regulamento universitario federal, encontrando ahi elementos doutrinarios e technicos para destruir a instituição carioca que não quizera duplicar as congeneres federaes, mas organizar-se em moldes proprios que, entretanto, não ferem essencialmente, nenhum dispositivo das proprias leis federaes derogadas pela Constituição.

Desobedecia, porém, á letra dos regulamentos do governo provisório; ha nomes que não são integralmente os mesmos; ha divisões e autonomias que não são previstas; e não ha passiva e textual repetição do que está es-

cripto na lei federal, logo a Universidade é inconstitucional, illegal e nulla.

Nunca se chegou, no Brasil, a tão insignificante, estreita e elementar compreensão do problema educativo brasileiro. Nunca se pretendeu tão infantilmente encerrar-se a cultura nacional dentro de um regulamento. Nunca o espirito burocratico foi tão audacioso em querer se sobrepôr á propria realidade das cousas e á propria realidade das instituições. Tudo, para que? Para ferir o Districto Federal que se atrevera a pensar em uma Universidade e se atrevera a fazel-a, porque os que deviam tel-a feito, não o fizeram até agora.

Ha, entretanto, senhores, alguma incompatibilidade real entre a Universidade do Districto Federal e os regulamentos ou leis federaes? Nenhuma de nenhuma. Na lei federal para seu modelo, temos apenas a Faculdade de Educação, Sciencias e Letras, representada na Universidade do Districto pela Escola de Sciencias, Escola de Educação e Escola de Philosophia e Letras, que obedecem aos requisitos minimos da lei federal. Temos ainda a Escola de Economia e Direito e o Instituto de

Artes. Si, por acaso, amanhã, as circunstancias demandassem que a Universidade mantivesse maior numero de cursos identicos aos federaes, todos elles se poderão installar dentro das forças do decreto instituidor.

Imaginemos, porém, que as machinações dos inimigos do Districto Federal viessem a triumphar e que novas leis federaes, como uma que foi tentada, podessem realmente ferir a Universidade local e impedir-lhe a validez dos titulos além dos limites da cidade do Rio de Janeiro.

Que succederia? Succederia que a Universidade não só continuaria a viver e a servir esta grande metropole, como ainda ganharia mais profundamente o seu character de Universidade que deseja valer pelo seu merito intrinseco e não pelas chancelas governamentaes que possam receber os seus titulos.

Profissões se regulamentam, mas não se regulamenta a cultura. Um homem culto e um homem diplomado são duas cousas, infelizmente, bem diversas entre nós.

Escreveu certa vez alguém a Voltaire estranhando a pobreza de nomes da lingua fran-

ceza para designar os sabios. Voltaire respondeu dando ao ingenuo missivista varios termos synonymos e lhe dizendo por fim : o que é, porém, importante é que, não somente, temos o nome, mas a cousa.

A nossa situação seria de algum modo semelhante, caso se realizasse a previsão absurda com que nos querem ameaçar : deixaríamos de ter o nome, mas teríamos a cousa . . .

São desse quilate as difficuldades com que procuram obstar a marcha do systema escolar do Districto Federal. Hontem, faziam o mesmo com o ensino secundario. Tambem esse era vedado ao Municipio. Tambem esse era vedado á Capital do Paiz. Hoje, é com o ensino universitario. O povo, entretanto, saberá ver e separar os que o estão servindo e os que se dizem seus defensores e, na realidade, amesquinham e diminuem tudo que é realizado e tentado por esse forte e intrepido povo carioca.

O humilde ensino primario que lhe permitiam possuir está hoje quasi que duplicado, com escolas que honram todo o Brasil. O ensino technico, redimido de suas bases anti-de-

mocraticas, hoje se ostenta como um verdadeiro systema de ensino secundario, de sentido nacional, para uma sociedade de trabalho, que leva para a officina o mesmo titulo que habilita a uma occupação de carteira. E agora o ensino superior, já iniciado com o preparo em nivel universitario dos mestres primarios, se amplia em uma universidade de fins culturais, que buscará desenvolver o saber em todos os seus aspectos, aspirando transformar-se em um dos grandes centros de irradiação scientifica, literaria e philosophica do paiz.

Essa irradiação de pensamento não virá, somente, do accrescimento de conhecimentos para que possivelmente a Universidade tenha de contribuir.

Essa irradiação será, antes, a consequencia da coordenação intellectual que a Universidade fatalmente desenvolverá.

A cultura brasileira se resente, sobretudo, da falta de quadros regulares para a sua formação. Em paizes de tradição universitaria, a cultura une, solidarisa e coordena o pensamento e a acção. No Brasil, a cultura isola, differencia, separa. E isso, porque? Porque

os processos para adquiril-a são tão pessoas e tão diversos, e os esforços para desenvolvê-la tão hostilizados e tão difficeis, que o homem culto, á medida que se cultiva, mais se desenraiza, mais se afasta do meio commum, e mais se affirma nos exclusivismos e particularismos da sua lucta pessoal pelo saber.

Não ha uma communhão dos cultos. Repellido, muitas vezes, pelo meio, sobre o qual se eleva pelos conhecimentos superiores ou especializados que adquiriu á propria custa, o homem culto é, ainda, no Brasil hostilizado pelos outros homens cultos. A heterogeneidade e deficiencia dessas diferentes culturas individuais e individualistas, fazem com que o campo de acção intellectual e publica, no paiz, se constitua um campo de luctas mesquinhas e pessoas, em que se entredevoram, sem brilho e sem gloria, os poucos homens de intelligencia e de imaginação que ainda possuímos.

Não será isso, exactamente, porque nos faltam essas instituições regulares de cultura, em que os homens se formam num ambiente de livre circulação de idéas, seguindo caminhos diversos, mas em uma mesma atmosphera e

um mesmo meio, vivendo, afinal, a vida da intelligencia, em commum, associadamente, fraternalmente?

A singular agrestia do meio intellectual e publico do Brasil, em que os julgamentos são armas de combate, a analyse forma insidiosa de opposição, e o desejo de destruir e diminuir a obra alheia, o proprio modo de ser da intelligencia, não será esse nosso famigerado anthropofagismo politico e mental a consequencia mais grave do nosso nomadismo intellectual, do nosso isolamento espiritual, e dos nossos processos indigenas de estudo e de formação mental?

Estou que esse é o mais grave aspecto do aparentemente innocente auto-didactismo nacional. Somos isolados e hostis, porque é isolada e hostil a forma de nos prepararmos intellectualmente, para as luctas da vida e do espirito.

Não cooperamos, não collaboramos, não nos solidarizamos com os companheiros, nem em acção, nem em pensamento, porque cada

um de nós é o centro do universo, e só desse centro partirá a verdadeira acção e o verdadeiro pensamento.

E' esse isolamento que a Universidade virá destruir. A Universidade socializa a cultura, socializando os meios de adquiril-a. A identidade de processos, a identidade de vida, e a própria unidade local fará com que nos cultivemos, em sociedade. Que ganhemos em commum a cultura. Que nos sintamos solidarios e unidos pela identidade de objectivos, de preocupações, de interesses e de ideaes. E dahi, que nos sintamos uma comunidade, governada por um espirito commum e communs ideaes.

A coordenação da vida espiritual do Brasil não nos chegará sem o cultivo dos processos universitarios de ensino superior.

O isolamento e o auto-didactismo nacionaes fazem-nos incoherentes, paradoxaes, irritadiços e extravagantes. A opinião intellectual de um paiz é o reflexo dos seus meios e processos de cultura. A Universidade vem-nos dar disciplina, ordem, sentido communs e capacidade de esforço em commum. Nenhum ideal menor

pode-nos bastar, na pequena Universidade que hoje aqui se installa, para a grande aventura intellectual que vamos viver. Ella ha-de triumphar e ha-de cumprir o seu dever e a sua missão.

Pouco importam as fadas más... Também as boas lhe rodeiam o berço. Ha toda uma expectativa sadia e optimista em torno da nova instituição, expectativa confirmada pela escolha dos primeiros professores e pela affluencia de candidatos ás suas matriculas.

De tal modo a Universidade do Districto Federal vem preencher uma necessidade profunda do paiz, que a sua marcha se fará, a despeito de quaesquer difficuldades materiaes e de quaesquer obstaculos oppostos pelos que sonhavam um instrumento semelhante, para afeiçoal-o aos seus designios ou aos seus propositos sectarios.

Porque, forçoso é repetir. A Universidade, como instituição de cultura, deverá estar na encruzilhada do presente. Ella não se constitue para isolar da vida a cultura, mas para trazer-a para a vida e tornal-a a mestra da experiencia. Os seus problemas serão os pro-

blemas de hoje, examinados á luz da sabedoria do passado. A serviço do presente e do futuro, a Universidade não deseja, entretanto, constranger o porvir dentro de formulas aprioristicas ou predeterminadas.

Muito ciosa das conquistas feitas de liberdade de pensamento e de critica, a Universidade não as dispensa para viver. Não terá ella nenhuma "verdade" a dar, a não ser a unica verdade possivel, que é a de busca-la eternamente. Fiel, assim, á grande tradição universitaria da humanidade, havia de por certo desgostar aos que querem diminuir o Brasil até ajustal-o aos limites de suas ideologias pessoas e de suas pessoas inquietações.

Muitos sonhavam, é certo, iniciar, entre nós, a tradição universitaria recusando essa liberdade de cathedra que foi conquistada, pela intelligencia humana, nas primeiras refregas intellectuaes de nossa epocha.

Muitos julgavam que a Universidade poderia existir, no Brasil, não para libertar, mas para escravizar. Não para fazer marchar, mas para deter a vida... Conhecemos, todos,

a linguagem desse reaccionarismo. Ella é mathusalenica.

"A profunda crise moderna, é sobretudo uma crise moral". "Ausencia de disciplina". "De estabilidade": "Marchamos para o cháos. "Para a revolução". "E' o communismo, que vem ahi". Fallam assim, hoje. Fallavam, assim, ha quinhentos annos.

E' que a liberdade, meus senhores, e uma conquista que está sempre por fazer. Desejamos-a para nós, mas nem sempre a queremos para os outros. Ha, na liberdade, qualquer cousa de indeterminado e de imprevisivel, o que faz, com que só a possam amar os que realmente tiveram provado, até o fundo, a insignificancia da vida humana, sem o acre sabôr desse perigo.

Por isso é que a Universidade é, e deve ser, a mansão da liberdade. Os homens que a servem e os que, aprendendo, se candidatam a servil-a, devem constituir esse fino escól da especie para quem a vida só vale pelos ideaes que a alimentam. Essa bravura é que